



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS I  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA  
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DECOM**

**BRUNA SOARES NEVES**

**RELATÓRIO TÉCNICO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC  
LGBTQIA+ UM GUIA ILUSTRADO PARA JORNALISTAS**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2017**

**BRUNA SOARES NEVES**

**LGBTQIA+ UM GUIA ILUSTRADO PARA JORNALISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr.<sup>a</sup> Verônica de Almeida Oliveira

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

N511I Neves, Bruna Soares.  
LGBTQIA + um guia ilustrado para Jornalistas [manuscrito]  
/ Bruna Soares Neves. - 2017  
37 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira, UFPB - Universidade Federal da Paraíba."

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Jornalismo. 4. Identidade de gênero .

21. ed. CDD 306.76

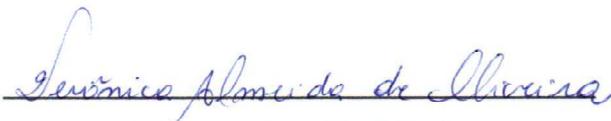
**BRUNA SOARES NEVES**

**LGBTQIA+ UM GUIA ILUSTRADO PARA JORNALISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Aprovada em: 09/11/2017.

**BANCA EXAMINADORA**



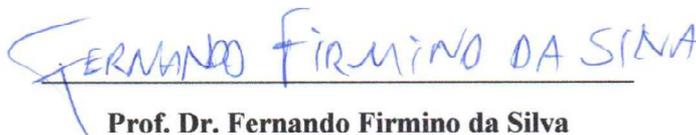
**Prof. Ma. Verônica de Almeida Oliveira (Orientadora)**

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



**Prof. Dr.<sup>a</sup> Ada Kesea Guedes Bezerra**

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



**Prof. Dr. Fernando Firmino da Silva**

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2017**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse guia todos aqueles que foram humilhados, deslegitimados, calados, espancados e mortos. Aqueles que são considerados estranhos, errados, doentes e loucos pela sociedade. Saibam que vocês não são. Vocês são pessoas livres, donas de si. Ir contra pensamentos antiquados, lutar numa sociedade injusta e preconceituosa para ser quem você realmente é, é admirável, é bravo.

O mundo é dos corajosos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais que sempre me incentivaram a fazer o que acredito. Ao meu pai por me proporcionar todos os materiais necessários para a minha construção e a minha mãe por sempre conversar comigo e dar a ideia do tema.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado, caminhando juntos, principalmente Káio e Ivan que passaram horas e horas comigo me dando inúmeras ideias e compartilhando informações para que sempre pudéssemos aprender mais.

Ao meu noivo, Victor, que sempre acreditou em mim, mesmo quando eu não acreditava e sempre me incentivou a buscar tudo aquilo que eu almejasse.

A minha orientadora Veronica Almeida, que teve a paciência e boa vontade de me ajudar com esse assunto tão diverso e delicado.

E a todos que se entusiasmaram com a ideia do projeto, que acharam que ele poderia vir a ajudar pessoas e os que acreditaram que ele daria certo. Muito obrigada!

“Eu sempre digo que travestis e transexuais no Brasil morrem duas vezes. Morre quando é assassinada e morre quando o jornalismo mata pela segunda vez.”

*Daniela Andrade*

## RESUMO

O trabalho se constitui na produção de um e-book em forma de guia com informações simples e diretas sobre gênero e sexualidade intitulado de “LGBTQIA+ Um Guia Ilustrado para Jornalistas”, elaborado para a conclusão do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba. O objetivo desse trabalho é disseminar a importância da discussão sobre a temática na sociedade e especialmente nos meios de comunicação. O guia é direcionado principalmente para jornalistas, formadores de opinião e todo público que deseja aprender acerca do tema, pois o projeto traz uma leitura acessível e de fácil alcance, com ilustrações simples e explicativas, bem como textos auxiliares que facilitam a compreensão geral do assunto abordado, ajudando assim aos leitores como referir-se a essas pessoas sem cometer tantos erros.

**Palavras-chaves:** E-book; Gênero; Sexualidade; Jornalismo; LGBTQIA+.

## **ABSTRACT**

The work consists in the production of an e-book in form of a guide with simple and direct information about gender and sexuality entitled "LGBTQIA+ An Illustrated Guide for Journalists", prepared for the conclusion of the course of Social Communication - Journalism, Universidade Estadual da Paraíba. The objective of this work is to disseminate the importance of the discussion about this theme in society and especially in media. The guide is mainly aimed to journalists, opinion makers and all the public who wish to learn about the subject, because the project has an accessible reading with simple and explanatory illustrations as well as auxiliary texts that facilitate the general understanding of the subject addressed, thus helping readers to refer to people without making so many mistakes.

**Keywords:** E-book; Gender; Sexuality; Journalism; LGBTQIA+.

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>FIG. 1</b>	Crianças assassinadas por não se comportarem de maneira esperada de acordo com seu gênero	<b>P. 13</b>
<b>FIG. 2</b>	Exposição do nome de batismo de forma desnecessária	<b>P. 18</b>
<b>FIG. 3</b>	Ódio e incitação de violência	<b>P. 19</b>
<b>FIG. 4</b>	Corpo do Texto das Matérias	<b>P. 31</b>
<b>FIG. 5</b>	Exemplo de capítulos do guia	<b>P. 32</b>
<b>FIG. 6</b>	Padrão de cores entre os capítulos do guia	<b>P. 33</b>
<b>FIG. 7</b>	Layout e corpo do guia	<b>P. 34</b>

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	11
2. OBJETIVOS .....	15
3. JUSTIFICATIVA .....	16
4. CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES .....	21
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	22
5.1 Gênero e linguagem inclusiva de gênero .....	22
5.2 Teoria Queer .....	24
6. DETALHAMENTO TÉCNICO .....	28
6.1 Definição do produto .....	28
6.2 Blog .....	28
6.3 Livro Digital .....	29
7. PROJETO GRÁFICO .....	31
7.1 Tipologia .....	31
7.2 Cores .....	32
7.3 Elementos e Layout .....	33
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
9. REFERÊNCIAS .....	36

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente vivemos em uma sociedade em que homens e mulheres não são tratados de forma equivalente. Se formos buscar desde o princípio da história, os homens eram os provedores, a sociedade era patriarcal, e a mulher era só uma forma, um caminho, um objeto para procriação.

Um pouco mais à frente, veio a divisão por cores, quanto mais claro, melhor. A pele negra era considerada feia, suja, errada. Pessoas foram escravizadas apenas por causa da cor de sua pele. Foram maltratados, açoitados, mortos. Tudo foi questão de hierarquia, de poder. Existiam os mais fortes e os mais fracos.

Primeiro os homens brancos, ricos e pobres, depois as mulheres brancas, ricas e pobres, em seguida os homens negros e por fim as mulheres negras. Primeiro homem, depois mulher, sempre.

Arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (...) segundo a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás (...). Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (...) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam” (...); de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo. (BOURDIEU, 2002, p. 8)

Hoje compreendemos que a história da humanidade foi contada de maneira oficial pelo homem. Tudo que foi escrito sobre as mulheres foi através do ponto de vista masculino. Segundo a historiadora Mary Del Priore:

Na sociedade brasileira as mulheres não são mais do que seus próprios corpos, corpos que são terras desconhecidas, territórios impenetráveis e que foram durante séculos auscultados, mapeados, interrogados e decodificados pela imaginação masculina. (DEL PRIORE, 1995, P. 333)

E foi assim que a sociedade foi por séculos e séculos até chegarmos aos dias atuais. As coisas mudaram em alguns aspectos e as mulheres lutaram para conseguir mudar um pouco sua história. Até então só se falavam sobre dois gêneros: ou você nascia homem ou nascia mulher.

Após um tempo, a liberdade sexual começou a ser pauta na sociedade e principalmente os homens gays foram tentando buscar suas vozes em meio a multidão. Paradas Gays foram surgindo e a luta por direitos simples começaram a serem questionados. Mas hoje, em 2017, ainda existem pessoas que acham que gays não podem formar família.

Atualmente com a facilidade de buscar informações e por surgir dentro das pessoas a necessidade de expor quem elas realmente são, muita gente “saiu do armário”. Inúmeras pessoas viviam em silêncio, sem a coragem de se expor na sociedade, com medo da discriminação, violência e da própria morte.

Se hoje tudo isso ainda é considerado errado na sociedade, embora seja um sentimento antigo, quem dirá transgeneridade, intersexualidade, assexualidade? Em uma rápida pesquisa no *Google* é fácil encontrar inúmeras notícias<sup>1</sup> sobre pais que violentam ou matam os próprios filhos quando estes se assumem LGBTQIA+<sup>2</sup>.

Desde crianças as pessoas são observadas para não fugirem do comportamento tradicional de homem e mulher, qualquer característica ou gesto referente ao gênero oposto é repreendido. “Cabelo grande é coisa de mulher”, “ande como homem”, “menina tem que gostar de boneca, brincar com carrinho é coisa de menino” são alguns exemplos de frases típicas ouvidas por crianças que não se comportam da maneira esperada pelos pais.

---

<sup>1</sup> Homem acusado de matar filho no Rio por ser 'afeminado' vai a júri popular. Disponível em: < <https://tinyurl.com/zyg9tdy> > Acesso em: 25 out. 2016

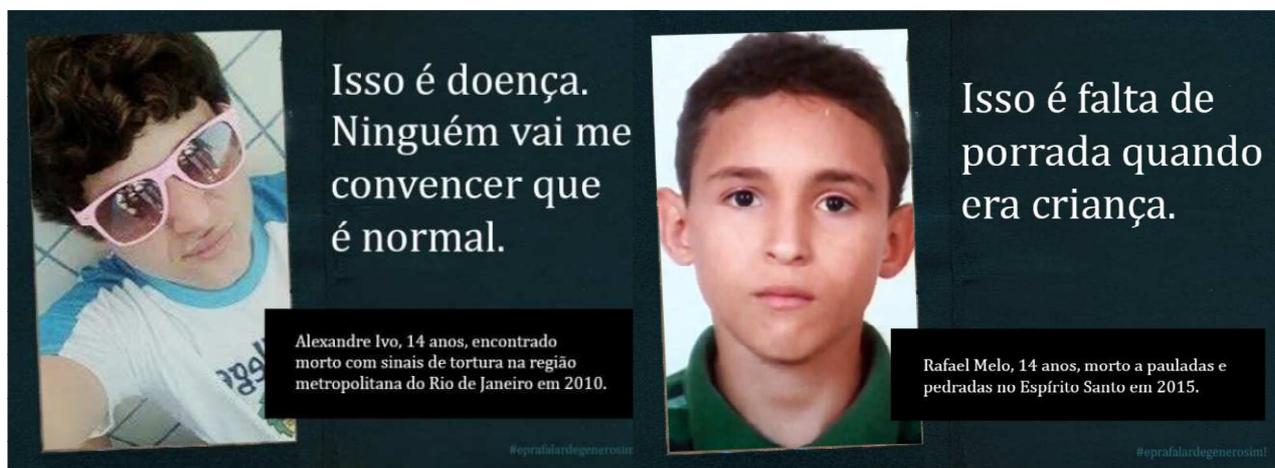
Mãe mata e queima filho gay por não aceitar sua opção sexual. Disponível em: < <https://tinyurl.com/hb4o3o4> > Acesso em: 25 out. 2016

Homem é suspeito de tentar estuprar filha lésbica para fazê-la 'virar mulher'. Disponível em: < <http://tiny.cc/mciejy> > Acesso em: 25 out. 2016

Jovem trans é esquartejada na Rússia após pedido do pai na TV: 'Podem matar'. Disponível em: < <https://tinyurl.com/zq4t4h4> >. Acesso em: 25 out. 2016

<sup>2</sup> Termo usado para representar pessoas de cada sigla: lésbica, gay, bissexual, transgênero, intersexo, assexual e outros.

**Figura 1 – Crianças assassinadas por não se comportarem de maneira esperada de acordo com seu gênero**



Fonte: [www.buzzfeed.com](http://www.buzzfeed.com)

Ainda é difícil para a sociedade buscar informação sobre o tema, é mais viável apontar o dedo e repudiar. Os jornais, portais, programas de TV não ficam atrás na falta de informação quando desrespeitam o gênero do indivíduo.

Uma das formas mais sutis de transmitir discriminação é através da linguagem, pois é ela que reflete nosso pensamento, que é moldado pela sociedade e já está enraizado em nós de uma maneira tão profunda que não nos damos conta do quanto ele é maldoso.

Na língua portuguesa, por exemplo, quase nada do que falamos possui gênero neutro, quase todas elas são no masculino ou feminino. Por exemplo, amigo, amiga. Enquanto em inglês é apenas *friend*. Neutro.

Tudo isso mostra a urgência de se criar um material explicativo sobre gênero e sexualidade, assim como a necessidade de uma linguagem inclusiva para que todos os gêneros se sintam representados e respeitados na sociedade, evitando confusão, desrespeito e negação.

As línguas não se limitam a ser um simples espelho que nos devolve a imagem de nosso rosto: como qualquer outro modelo idealizado, como qualquer outra invenção cultural, as línguas podem levar-nos a compor nossa percepção do mundo e inclusive a que nossa situação se oriente de uma determinada maneira. (CALERO, 2002, p. 9)

A linguagem inclusiva de gênero atuaria nesse universo, segundo Oliveira, Duque e Weyl (2012), buscando o uso da flexão adequada para palavras pertencentes ao masculino e ao feminino, negando uso do masculino como comum de dois gêneros; e também acabar com o machismo estabelecido na nossa linguagem.

O trabalho se trata de um produto midiático que nasceu através de uma reflexão e o sentimento da falta desse tipo de material na formação de um jornalista, refletindo em materiais rasos e muitas vezes equivocados sobre o assunto em veículos jornalísticos.

O guia<sup>3</sup> foi escrito com uma linguagem simples para poder ser acessível a todos os públicos que buscam informações sobre o tema. O formato permite a fluidez da leitura, as imagens ajudam na compreensão e juntos trazem uma rica informação sobre respeito e diversidade.

---

<sup>3</sup> Disponível em: < <https://bruneves7.wixsite.com/lgbtqia> >

## **2. OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

Elaborar um projeto editorial e gráfico de um guia em formato e-book, abordando o tema diversidade sexual e de gênero com uma narrativa simples e com ilustrações, visando ajudar os comunicadores a se reportarem a esse grupo de forma adequada.

### **Objetivos Específicos**

- Elaborar o projeto gráfico a partir dos conceitos de design gráfico que possa dar forma representativa ao conteúdo explorado;
- Fazer um produto que acrescente conhecimento e ajude no processo de criação de materiais jornalísticos que tratem sobre o tema;
- Criar um material com linguagem acessível e com o uso de ilustrações para esclarecer o conteúdo para jornalistas;
- Informar o leitor sobre a diversidade e diferenças entre gênero e sexualidade para que haja uma maior inclusão;

### 3. JUSTIFICATIVA

A escolha do tema deu-se a partir do interesse pessoal sobre assuntos relacionados à questão da diversidade sexual e de gênero, ao ver erros em diversos veículos de comunicação e, principalmente, ao ler na internet comentários maldosos e preconceituosos dos próprios leitores.

O uso de pronomes inadequados e deslegitimação de gêneros, principalmente não-binários (aqueles que estão fora da binaridade de gênero homem-mulher), é um dos grandes problemas que contribuem para a resistência de aceitação e compreensão entre a população acerca da temática, a insistência em que homens são sempre masculinos e mulheres são sempre femininas, ajuda a reduzir as opções para as pessoas que agem fora desse padrão.

A realidade de viver entre sociedade como qualquer pessoa vem se tornando preocupante entre a comunidade LGBTQIA+ diante de alguns (porém grandes) retrocessos em questões políticas e sociais, como a exclusão das questões de gênero e sexualidade do Plano Nacional de Educação (PNE) e dos Planos Estaduais e Municipais.

Segundo a coordenadora do Núcleo de Combate a Discriminação, Racismo e Preconceito (NCDRP) da Defensoria Pública de São Paulo, Vanessa Vieira (2015) no Brasil existem muitos políticos<sup>4</sup> com discursos de ódio LGBTQIA+fóbicos<sup>5</sup>, e que estes afetam diretamente na vida de todas as pessoas, já que são estes que criam nossas leis. Segundo ela, todo esse discurso homofóbico, transfóbico, discriminatório gera danos reais à sociedade, pois “vemos sempre pessoas sendo agredidas, assassinadas em virtude da sua orientação sexual ou identidade de gênero”.

Vencer essa ação civil pública, mesmo que na 1ª instância, é uma grande vitória para a Defensoria e para o movimento LGBT, porque afirma que as pessoas não estão livres para falarem discursos de ódio. Delimitou bem os limites da liberdade de expressão. Assim que a gente ajuizou a ação, na época em que o Levy Fidelix proferiu esses termos, isso foi muito discutido na sociedade, que o que ele tinha falado se baseava na liberdade de expressão. Nós não negamos que, de fato, a liberdade de expressão é um direito fundamental e que deve sim ser respeitado. Mas nós entendemos que depois que esse discurso é proferido, cabe sim uma reparação no caso daquele discurso ter incidido no discurso de ódio e ter ocasionado algum dano moral. Ficou muito claro na sentença da juíza. A gente espera que essa decisão prevaleça no Tribunal, no Supremo Tribunal Federal, para que seja mantido esse

---

<sup>4</sup> Levy Fidelix foi condenado pela Justiça de São Paulo em 1ª instância a pagar R\$ 1 milhão para ações de promoção de igualdade da população LGBTQIA+.

<sup>5</sup> Termo utilizado para representar fobia e ódio contra a população LGBTQIA+.

entendimento que discurso de ódio não é liberdade de expressão. A manifestação do pensamento das pessoas tem limites, sim. (VIEIRA, 2015<sup>6</sup>, s.p.)

Muitas vezes a política brasileira mistura leis e religião, e isso acaba contribuindo para uma sociedade com uma carga religiosa muito grande em suas leis como, pro exemplo, projetos contra a "ideologia de gênero"<sup>7</sup>, e isso se reflete no tratamento dado pela mídia e sobre a sociedade como um todo, tornando o debate mais urgente no país.

Segundo Michel Zaidan, cientista político e coordenador do Núcleo de Estudos Eleitorais Partidários e da Democracia da UFPE, esse poder adquirido pelos deputados e senadores (geralmente) evangélicos é uma ameaça à laicidade do Estado:

Um estado é laico quando é imparcial em relação às questões gerais, não apoiando nem se opondo a nenhuma religião. Se temas são aprovados, ou não, com base no que diz a bíblia, por exemplo, esse conceito fica prejudicado. (ZAIDAN, 2015<sup>8</sup>, s.p.).

Além disso, o cientista político também critica o posicionamento conservador dos parlamentares da bancada evangélica, afirmando que atualmente o que mais avança no Brasil são as igrejas neopentecostais, e estas são “as mais fundamentalistas, conservadoras e atrasadas. É claro que isso termina se transformando numa influência negativa nas instituições políticas brasileiras”.

De acordo com a ONG Internacional Transgender Europe<sup>9</sup>, o Brasil é o país onde mais ocorrem assassinatos de travestis e transexuais. Entre janeiro de 2008 e abril de 2013, foram registradas 486 mortes, número quatro vezes maior que no México, que ocupa a segunda posição da lista. Isso só mostra o quanto precisamos, desde cedo, tratar desse tema em sala de aula, mostrando que somos diversos e que todos merecem igual respeito.

Mesmo existindo algumas ações e projetos como o *Plano Nacional de Direitos Humanos e Cidadania GLBT*, o *Programa Brasil sem Homofobia*, práticas sociais que promovem a inclusão, cartilhas como *Manual de Comunicação LGBT, Direitos da população*

---

<sup>6</sup> Discurso de ódio não é liberdade de expressão, diz defensora que venceu ação contra Fidelix. Disponível em: <<https://goo.gl/LveEaP>> Acesso em: 27 out. 2016

<sup>7</sup> Ideologia da falta de gênero afirma que gênero é uma construção social e cultural, por tanto deveria ser abolida.

<sup>8</sup> Poder e religião se confundem na política e causam debates polêmicos. Disponível em: <<https://goo.gl/RHNxFn>> Acesso em: 27 out. 2016

<sup>9</sup> O Brasil lidera número de mortes de travestis e transexuais, aponta ONG. Disponível em: <<https://goo.gl/P9413F>> Acesso em 05 de out 2017

*LGBT, Cartilha de Comunicação e Linguagem LGBT etc.*, e a própria exposição de pessoas LGBTQIA+ na mídia, ainda é comum encontrar-se erros com termos, tratamentos inadequados e expressões que reforçam preconceitos e estereótipos no jornalismo brasileiro.

Por estes motivos, é muito comum ver em notícias sobre transsexualidade, por exemplo, a exposição do nome de batismo de forma desnecessária, já que o correto é referir-se à pessoa pelo seu nome social<sup>10</sup> enquanto não há retificação dos seus documentos.

**Figura 2 – Exposição do nome de batismo de forma desnecessária**

## Marcelo Tas conta como sua filha Luiza se tornou seu filho Luc

Pela primeira vez, o apresentador e colunista da CRESCER conta sobre essa mudança na sua família. E Luc revela como foi se descobrir bissexual aos 15 anos, transexual aos 22 e agora, aos 25, estar casado com Nicholas, também transexual e hoje um homem feliz em um relacionamento homossexual

Por Daniela Tófoli - atualizada em 29/09/2014 10h42

[f](#) Compartilhar [p](#) [in](#) [G+](#) [t](#) [Assine já!](#)



Fonte: [www.revistacrescer.globo.com](http://www.revistacrescer.globo.com)

O travesti Erielton Souza Sales, 25 anos, conhecido por 'Sabrina', foi morto na manhã de domingo, 24. O corpo foi encontrado no cruzamento das ruas José de Alencar com a Janete Clair, no bairro Florais Léa, em Luis Eduardo Magalhães, Oeste da Bahia.

Segundo a Polícia, o corpo apresentava marcas de violência na cabeça, principalmente na face e no pescoço. Não existem marcas provocadas por arma de fogo ou instrumento perfurocortante, mas há indícios de brutal espancamento.

Fonte: [www.aloalosalomão.com.br](http://www.aloalosalomão.com.br)

---

<sup>10</sup> Nome social é o nome pelo qual pessoas trans e travestis preferem serem chamadas no seu cotidiano já que o nome de batismo não reflete seu gênero. Desrespeitar o nome social de uma pessoa é um ato de transfobia.

Ao abordar sobre diversidade sexual e de gênero na mídia de referência, é comum que muitos veículos de comunicação acabem prestando um desserviço à comunidade e à sociedade como um todo, com materiais que podem ser classificadas como LGBTQIA+fóbicas. Também existem em muitos comentários sobre essas notícias o uso de palavras de ódio, deslegitimação, transfobia e até apologia à violência.

**Figura 3 – Ódio e incitação de violência**



**Fonte:** Facebook<sup>11</sup>

<sup>12</sup>Esse tipo de material publicado na mídia além de trazer desigualdade, contribui para o genocídio da população LGBTQIA+, que além de muitas vezes sofrerem repressão da própria família e pessoas que convivem, carência de políticas públicas e falta acompanhamento médico específico para suas necessidades, precisam lidar com a violência silenciosa cometida por jornalistas e formadores de opinião.

Com esse guia, pretendo contribuir com uma reflexão e conhecimento, para que sejamos mais empáticos, receptivos, para acolhemos a diversidade com amor. Tento trazer

<sup>11</sup> Disponível em: < <https://goo.gl/cUzpDM> > Acesso em 09 de nov de 2017.

discussões sobre gênero e sexualidade dentro do jornalismo brasileiro, que informe sobre além da binaridade de gênero, que questione a heterossexualidade compulsória<sup>13</sup> e como ela é tida como padrão normativo dentro da nossa sociedade e conseqüentemente, dentro da própria mídia.

Compreendendo que os estudos de gênero e sexualidade vivem em constante processo de construção e a publicação deste guia poderá ser posteriormente questionada, levando em consideração a complexidade e a mutabilidade do ser humano, que ainda muito deve ser aprendido.

Entretanto, por mais que vivamos numa era que muitas vezes preferam publicações rápidas e menos didáticas a publicações mais fundamentadas e complexas, pode-se ainda resgatar reflexões pertinentemente interessantes, além de empatia às lutas de minorias. Com um jornalismo mais humanizado também podemos contribuir para que os leitores não sejam influenciados a serem pessoas preconceituosas, intolerantes e que ajam de formas extremas com ódio.

---

<sup>13</sup> Ideia de que o correto é ser heterossexual. A obrigação de ter desejos e sentimentos por pessoas do gênero oposto.

#### 4. CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

<b>Período/Atividade</b>	<b>Out e Nov/ 2016</b>	<b>Jul/2017</b>	<b>Ago/2017</b>	<b>Set/2017</b>	<b>Out/2017</b>
Elaboração do projeto	X				
Elaboração de pautas	X				
Orientação	X			X	X
Leitura de autores	X	X			
Projeto gráfico	X	X		X	X
Revisão bibliográfica				X	
Relatório teórico	X		X	X	
Diagramação	X			X	
Revisão final				X	
Defesa do TCC					X

## 5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 5.1 Gênero e linguagem inclusiva de gênero

Desde que nosso gênero é revelado no ultrassom, todos a nossa volta nos dividem com base em comportamentos e pensamentos condicionados por esse gênero e isso acaba se tornando um fator decisivo em nossas vidas. A primeira pergunta que fazem aos pais é “qual o sexo” do futuro bebê ou se preferem menino ou menina.

Logo, se for menina já se pensa em um presente rosa e delicado, se for menino em um presente azul e mais robusto. Logo quando as crianças vão crescendo, os brinquedos dividem-se em bonecas ou carrinhos, bolas de futebol ou kit de cozinha.

Toda essa crença de que somos diferentes em função do gênero faz com que a sociedade nos valorize de forma desigual e nos imponha atitudes a seguir, e se essas não forem seguidas causa estranhamento. Por exemplo, é muito comum ouvir alguém falando que “toda mulher nasceu para ser mãe”.

A normatização da família como uma microestrutura constituída por um homem e uma mulher, ambos cisgêneros<sup>14</sup>, heterossexuais e brancos, consolidada no século XIX a partir da família nuclear da burguesia francesa, instituiu espaços para os discursos reguladores do comportamento sexual-afetivo. Discursos dirigidos pela religião, pelo Estado, pelas instituições acadêmicas e legais, pelo meio científico e pela própria medicina. (MISKOLCI, 2005, p. 13)

Desde Simone de Beauvoir com sua famosa frase “não se nasce mulher: torna-se”, que o sexo é encarado como uma categoria biológica e o gênero como o seu significado ou interpretação social. Todas as “características” atribuídas a homens e mulheres como doçura, sensibilidade, independência, controle emocional, etc. são culturais, ou seja, ensinadas. Tudo isso são construções sociais impostas ao gênero. Esses atributos simbólicos são históricos, construídos através do tempo e variam de uma cultura para outra.

Sexo é biológico, gênero é social. E o gênero vai além do sexo: o que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente. (JESUS, 2012, p. 6)

---

<sup>14</sup> Uma pessoa cisgênero ou cis, é aquela que se reconhece com o gênero designado ao seu nascimento.

Cordelia Fine (2010), psicóloga, tem razão na crítica que faz a uma boa parte da neurociência acerca do gênero, haverá muitas capacidades cognitivas e padrões de comportamento que terão causas sociais. Como por exemplo, a manifestação de empatia social nas meninas, ou melhores resultados em tarefas de raciocínio nos meninos.

São esses estereótipos que levantam manifestações sobre determinados comportamentos e capacidades, resultando em meninas, por exemplo, que não são levadas a sério em cursos de exatas e meninos que não podem expressar certas emoções porque “homem não chora”.

Sally Haslanger (2003, 2006), havia defendido a ideia de que o sexo (masculino/feminino) é a categoria biológica, e a de que o gênero (homem/mulher) é a categoria social e hierárquica. Por exemplo, se uma mulher está subordinada sistematicamente em alguma dimensão (econômica, política, legal, social, etc.), ela está “marcada” como objeto deste tratamento em resultado de características físicas observadas ou imaginadas que assumem seu papel feminino. Já um homem está privilegiado sistematicamente em alguma dessas dimensões, “marcado” como objeto deste tratamento em resultado de características físicas observadas ou imaginadas que assumem seu papel masculino.

Haslanger (2006) é consciente de que a sua análise dos conceitos de mulher e homem é altamente contra intuitiva<sup>15</sup>. Porém, Saul (2006) se contrapõe e indica que um homem que “decida” tornar-se uma mulher não decide necessariamente tornar-se subordinado. Além do mais, muitas mulheres não se consideram subordinadas, apesar de se considerarem mulheres.

Esses contraexemplos que Saul (2006) revela é que se a colocação de Haslanger (2003) fosse correta, então essa análise identificaria características essenciais em todos os tipos de culturas e sociedades, ou seja, homem e mulher sempre seriam, respectivamente, subordinada e privilegiado.

Porém, falando da sociedade patriarcal, o gênero era algo determinante no ser humano. Del Priore (1995) reflete como homens nasciam para substituir seus pais em negócios da família e as mulheres nasciam para substituir suas mães, cuja a única função muitas vezes era procriar e ser dona de casa.

Scott (1989) observou que a discussão de gênero começou entre as feministas

---

<sup>15</sup> Recentemente Haslanger (2006) revelou ter mudado de opinião, admitindo que este tipo de inquérito pode distrair e confundir o estudo das questões de gênero e de raça, concedendo, portanto, que as objeções que Saul, entre outros autores, levantaram à sua proposta anterior são pertinentes.

americanas, que questionavam porque seu sexo era considerado frágil e porque ser mulher era algo que traçava sua vida sem sua própria vontade. Logo, a mesma considerou que sexo é um conceito biológico e gênero uma construção social:

No seu uso mais recente, o “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades. (SCOTT, 1989, p. 3)

No Brasil existem alguns manuais que promovem a linguagem inclusiva de gênero, como por exemplo: *O Manual para o uso não sexista da linguagem: o que se diz bem se entende*, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e o *Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia*, da Federação Nacional dos Jornalistas com a ONU Mulheres.

Ambos são focados em questão de linguagem, da exclusão de mulheres em materiais de estudo, como a língua brasileira é sempre generalizada no masculino, a falta de um gênero neutro, entre outras questões. Porém esses materiais são focados sempre em gêneros binários (masculino e feminino).

## 5.2 Teoria Queer

Um dos autores que deu início a reflexões sobre a nossa sexualidade foi Foucault (1988). Suas observações sobre o prazer e sexualidade deram origem ao que viria ser no futuro a teoria Queer, que atualmente é responsável por uma gama de estudos voltados para as diversas identidades de gênero e sexualidade.

Por que se falou de sexualidade, e o que se disse? Quais os efeitos de poder induzidos pelo que se dizia? Quais as relações entre esses discursos, esses efeitos de prazer e os prazeres nos quais se investiam? Que saber se formava a partir daí? Sem summa, trata-se de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana. (FOUCAULT, 1999, p.16)

A teoria Queer é empoderamento dos corpos de pessoas excluídas, ridicularizadas, é sobre o conhecimento que a identidade sexual e de gênero dos indivíduos são resultados de uma construção social, por tanto, não é biológico. A liberdade de se sentir encorajado a ousar, misturar e se descobrir.

Essa teoria começou a ser desenvolvida no final dos anos 80 por diversos pesquisadores e ativistas. No Brasil algumas pessoas encontram dificuldade em traduzir a palavra, “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, diz Louro (2004, p. 38).

E mesmo apenas com explicações similares, a palavra *queer* ainda é a mais usada em inglês no Brasil do que com uma tradução. A ideia era inicialmente resignificar a palavra e trazer algo mais positivo, já que originalmente era usada para insultar pessoas que fugiam da cis-heteronormatividade, ou seja, a ideia de que orientações sexuais diferentes da heterossexual são erradas e posteriormente ignoradas ou perseguidas por crenças e/ou políticas.

Isso também inclui a ideia de que os seres humanos são divididos em duas categorias ao nascer: homem e mulher. Negando os sentimentos, o físico, a expressão e toda a vivência social do ser humano.

Com essa teoria, os estudiosos e ativistas pretendem desconstruir o argumento de que sexualidade e gênero dos indivíduos seguem um curso natural, ou seja, são resultados de uma construção social. Segundo Butler (2002), gênero é performativo, porque é resultante de um regime que regula suas diferenças, e neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coerciva.

Isso significa que somos sujeitos criados a partir de repetições de normas descritas pela sociedade, sendo assim, quem se comporta fora dessa normalidade dividida entre masculinidade e feminilidade, ligados à uniões heterossexuais, acaba sendo um sujeito *queer*.

Uma das maiores autoridades sobre o que se entende de transexualidade, Dr. John Money, em 1950, estudava sobre redesignação sexual de pessoas intersexuais<sup>16</sup> na Universidade John Hopkins, e se fazia o seguinte questionamento: Se estas pessoas nasceram com genitália ambígua, como é possível que o genital seja fator decisivo na constituição do gênero?

Segundo os psicólogos John Money e Anke Ehrhardt (Money; Ehrhardt, 1974), a identidade de gênero refere-se aos processos mentais nos quais está implicada a capacidade do indivíduo de reconhecer-se pertencente ao sexo masculino ou feminino. O papel do gênero

---

<sup>16</sup> Intersexo é um termo guarda-chuva usado para descrever pessoas que nascem com o sistema reprodutor, anatomia sexual, cromossomos ou hormônios que não se encaixam na definição usual de masculino ou feminino.

abrange, além das atividades eróticas, atividades não genitais, definidas pelas convenções sociais e atribuídas distintamente a homens e mulheres. O conceito de gênero não inclui apenas um estado biológico, como homem e mulher, mas também remete à questão do reconhecimento íntimo, à atribuição social, ou legal. Portanto, não está apoiado exclusivamente nas distinções genitais, abrangendo o corpo e os critérios de comportamento.

Mesmo com inúmeros questionamentos, os estudos e movimentos gays e lésbicos, que eram os únicos conhecidos até então, se tornaram cis-heteronormativos<sup>17</sup>, defendendo um corpo desejável para os padrões cis-héteros da sociedade.

É criado, como disse Guacira Lopes Louro (2004) em seu texto “Teoria Queer - Uma política pós-identitária para a educação”, uma identidade gay e lésbica “positiva”, e gays afeminados, lésbicas masculinizadas, travestis e homens trans, como uma identidade “negativa” para a sociedade.

O sociólogo Richard Miskolci (2005) relembra que a normalização da família como uma microestrutura constituída por um homem e uma mulher, ambos cisgêneros, heterossexuais e brancos foi consolidada no século XIX, partiu do modelo familiar da burguesia francesa e instituiu espaços para os discursos reguladores de comportamentos sexuais-afetivos. Discursos dirigidos pela religião, pelo Estado, pelas instituições acadêmicas e legais, pelo meio científico e pela própria medicina.

Mais do que uma nova teoria em si, o Queer é uma junção de estudos voltados para as diferentes identidades e expressões - tanto de gênero quanto de sexualidade -, além de uma profunda crítica à hegemonia heterossexual e às normas reguladoras das identidades e expressões (MISKOLCI, 2015, p. 13)

Portanto, um dos objetivos da teoria é mostrar que binaridade de gênero e heterossexualidade compulsória juntas trabalham para se manterem como experiências hegemônicas e incontestáveis (BUTTLER, 2015).

---

<sup>17</sup> O sistema cis-heteronormativo da a ideia de que pessoas trans precisam se adequar tanto em corpo quanto em comportamento dito como normal na sociedade, ou seja, se enquadrar em padrões cis e ser hétero.

Um dos princípios centrais do cissexismo<sup>18</sup> é o desencorajamento de misturar ou ser livre quanto aos papéis sociais de gêneros impostos, e teoria Queer então permite que possamos ir além desse binarismo, nos deixando livres para nos identificarmos com nenhum, um ou mais gêneros, simultaneamente.

Para Foucault (1976), foi no século XVII que nasceram os discursos institucionalizados normatizantes e excludentes de poder, dando início às primeiras demarcações de identidade a partir da diferença e construção desse conceito como demarcador social. A partir desse momento que começaram a ser traçados os caminhos para o modelo de família tradicional.

Portanto, propõe-se o questionamento acerca de gênero, visando empoderar esses corpos julgados como estranhos, mostrando que gênero é atributo cultural e não físico ou biológico, e que os dois por acaso podem se coincidir ou não.

---

<sup>18</sup> Cissexismo é a ideia de que só existe um tipo de morfologia (corpo) e este deve estar alinhado com o gênero designado ao nascer; Só existem dois gêneros (binários: masculino/feminino) e que uma pessoa deve estar alinhada dentro de um desses dois; Uma pessoa trans tem uma vivência menos ‘verdadeira’, e/ou nunca será ‘verdadeira’ se não fizer modificações em seu corpo para ficar mais próxima de um dos gênero binários; Uma pessoa precisa estar dentro de um desses gêneros binários, porque senão ela não será feliz ou não será aceita; As pessoas que não se encaixam no binário são doentes mentais, tem patologia e precisam se tratar de algum modo para se curar. Disponível em: < <https://goo.gl/cylVrj> > Acesso em: 09 de nov 2017

## **6. DETALHAMENTO TÉCNICO**

### **6.1 Definição do produto**

A ideia de produzir um guia como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) veio com o pensamento de elaborar um material didático e com ilustrações simples disponibilizados em forma de guia. Uma ideia que despertaria mais interesse nos leitores pela objetividade e que ajudaria na compressão desse assunto que é tão complexo e diverso.

A escolha da plataforma também se deu por oferecer maior liberdade visual, o que permite unir textos e ilustrações sem perder o foco do conteúdo, facilitando a compreensão do leitor. Segundo Campos e Wallace (2008):

A inevitável relação entre o texto e o desenho faz lembrar uma operação caligráfica, em que palavras e imagens se completam para dizer algo em conjunto, [...] Comportar-se-iam antes como uma escrita que lança no espaço a visibilidade provável de uma referência, invocando os signos, do âmago da imagem que configuram – por um recorte de sua massa na página – aquilo de que falam. [...] é preciso que haja uma subordinação: ou o texto será regrado pela imagem ou a imagem o será pelo texto. [...] O signo verbal e a representação visual jamais seriam dados de uma só vez. Sempre uma ordem os hierarquizaria, indo da forma ao discurso ou do discurso à forma. (CAMPOS, WALLACE, 2008, P.7)

A partir de observações em grandes portais da internet, redes sociais e até programas televisivos que tratavam o assunto de maneira rasa e equivocada, desrespeitando os indivíduos em suas particularidades e diferenças, ficou claro a necessidade de produzir um material que pudesse contribuir de alguma forma, tanto para conhecimento e aprendizado, quanto para que essas pessoas se sentissem respeitadas.

### **6.2 Blog**

A comunicação sempre explorou novos meios de informações, novas mídias e novas formas de atingir e criar interesse entre seu público, buscando novas ferramentas e inovando seu conteúdo, criando novas formas de informar, de uma maneira que sempre chamasse atenção do receptor.

Lévy (2000), acredita que a grande rede permite a quem tem acesso, construir e compartilhar a inteligência coletiva sem submeter-se a qualquer tipo de restrição. E essa

grande rede vem permitindo a criação e divulgação de conteúdo por qualquer pessoa com um acesso a um computador com uma conexão de rede.

Só em 1992 surgiu o primeiro weblog<sup>19</sup> chamado *Whats New in 92*, segundo Orduña et al. (2007). Depois daí os blogs se tornaram cada vez mais populares. No começo era simples, pois não era todo mundo que sabia programar, usar HTML<sup>20</sup> e fazer layouts<sup>21</sup>.

Assim, com a popularidade do blog, cada vez mais pessoas se interessavam por ele, jornalistas viam a oportunidade de escrever seus próprios artigos e matérias de maneira totalmente pessoal e sem vínculos com nenhuma empresa, enquanto outras pessoas viam aquilo como um diário pessoal.

Com a internet cada vez mais acessível, novas ferramentas estão sendo criadas a todo momento e se informar tornou-se cada vez mais fácil. Através de redes sociais, por exemplo, qualquer pessoa pode expressar sua opinião e de forma positiva ajudar a disseminar uma informação. Atualmente se tornou bem mais fácil a criação do blog, existem sites com hospedagem de graça e outros com ferramentas para criar layout online de maneira simplificada. Hoje a plataforma é levada a sério, pois inúmeros comunicadores a utilizam para transmitir informações de qualidade de maneira mais rápida.

### **6.3 Livro digital**

Apesar de ainda escrevermos no papel, os livros digitais vêm se tornando cada vez mais comuns no mundo todo, a digitalização de documentos, seja textos, fotos ou áudios, facilitou nosso acesso, tornando-os mais simples de serem compartilhados quando disponibilizados em nuvem, por exemplo. Um dos grandes pontos positivos é que esse método de digitalização também permite que a obra seja reproduzida sem que perca qualidade.

Com esse processo, quase tudo vem se transformando em formato digital, devido sua praticidade de criação e também de compartilhamento, a partir disso os objetos recebem o prefixo “e-”, como por exemplo e-mail (correio eletrônico) e e-book (livro eletrônico).

---

<sup>19</sup> Blogs pessoais.

<sup>20</sup> Hyper Text Markup Language (PINHO, 2000).

<sup>21</sup> Parte visual de um blog.

Embora não possamos tocar no virtual por não ter características físicas, o produto digital simula essa experiência, atingindo nossa mente, nos fazendo refletir e sentir, sendo influenciados por esse objeto. Sendo assim, o virtual não é falso, pois produz em nós algum efeito: [...] é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se sem ter passado, no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. (LÉVY, 1996, p. 15)

Com o advento dos computadores, os autores puderam ter uma liberdade maior para criar, já que antes o texto precisava ser elaborado mentalmente para, só depois, ser escrito, segundo Steven Johnson (2001). Essa facilidade já é encontrada em softwares simples como o world, com ferramentas de correção instantânea e inúmeros recursos como dicionário, formatação de texto e estilos de fontes, o aumento de criação de textos ficou consideravelmente maior. Pierre Lévy compartilha do mesmo pensamento, quando afirma que o suporte digital mudou a maneira de ler e escrever.

Enfim, o suporte digital permite novos tipos de leituras (e de escritas) coletivas. Um contínuo variado se estende assim entre a leitura individual de um texto preciso e a navegação em vastas redes digitais no interior das quais um grande número de pessoas anota, aumenta, conecta os textos uns aos outros por meio de ligações hipertextos. (LÉVY, 1996, p. 43)

O *e-Reader* (em inglês) é um pequeno aparelho de leitura digital semelhante ao tablet, porém com uma única função: uma tela para leituras. Nesses livros digitais são usadas a tecnologia de tinta eletrônica em papel eletrônico, isso permite que a sensação de ler nessa tela se aproxime muito com a de ler um livro físico tradicional.

Os livros digitais também não utilizam a mesma iluminação das telas de celulares, por exemplo, e isso acabou sendo um dos motivos que impulsionou a venda desses aparelhos no mundo todo, já que esse tipo de luz não cansa a vista. Além disso, os e-readers tem uma bateria que dura bastante, podendo ser capaz de ficar sem carregar por um mês ou mais, dependendo do uso do consumidor, enquanto um tablet só consegue durar algumas horas.

Por ser um dispositivo de armazenamento portátil, de pouco custo e de fácil acesso, na internet já está sendo disponibilizado em diversos sites diferentes tipos de e-books para download de maneira gratuita. O tamanho é apropriado para ser carregado para diversos locais sem incomodar pelo peso, além da possibilidade de carregar vários livros em um único local.

## 7. PROJETO GRÁFICO

### 7.1 Tipologia

O projeto gráfico é a parte visual do produto. Desde a forma de distribuição das ilustrações, como as escolhas das cores e tipologias envolvidas no projeto. São essas escolhas que tornaram o projeto único. Tudo isso faz com que o produto não seja só algo estético, mas um conjunto pensado e construído para que possa entreter o leitor e ao mesmo tempo informá-lo sobre um assunto. Segundo White (2006, p.12), “as imagens envolvem o observador por meio da emoção e da curiosidade”. Sendo assim, a harmonia entre imagem e texto é o que dá vida ao produto final.

Uma das partes mais importantes no projeto gráfico é a tipologia, é algo de característica única que marca a identidade visual de um projeto editorial, portanto foi preciso escolher uma fonte simples, que trouxesse leveza ao guia e que mostrasse clareza nas construções dos textos. Foi escolhida a fonte Moon Flower para o corpo dos textos, pois além de ser moderna e de fácil compreensão, condiz com a proposta do guia de ser algo leve e descontraído.

A fonte é um dos instrumentos básicos do designer gráfico. Com atenção ao detalhe, o designer pode usar a fonte para comunicar de forma adequada, sugerir estados de ânimo e personalidade, bem como contribuir para a dinâmica do layout da página ou da superfície. (GORDON; GORDON, 2012, p. 50)

**Figura 4 - Corpo do Texto das Matérias**

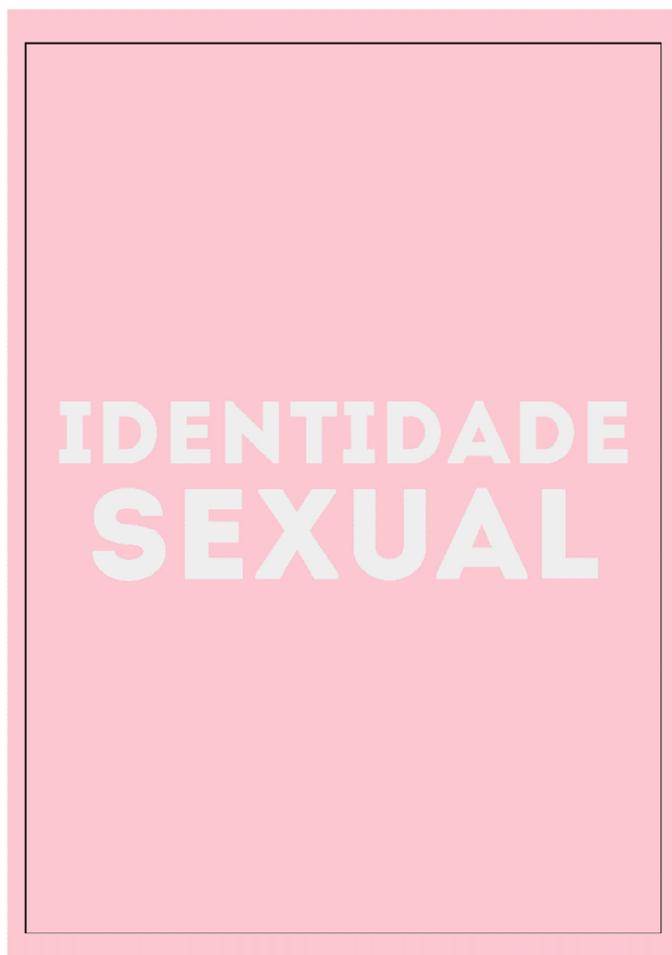
GÊNERO REFERE-SE A IDENTIDADE ADOTADA POR UMA PESSOA PARA OBTER UM PAPEL SOCIAL DENTRO DA SUA COMUNIDADE, PODENDO SE IDENTIFICAR ATRAVÉS DOS SEUS GENITAIS OU DE MANEIRA PSICOLÓGICA.

PARA ENTRAR NO PADRÃO BINÁRIO DE GÊNERO É PRECISO SUBMETTER-SE A UM PROCESSO CHAMADO SOCIALIZAÇÃO DE GÊNERO, QUE SE BASEIA NA CULTURA E SOCIEDADE ONDE A PESSOA VIVE.

**Fonte:** Moon Flower

A fonte utilizada para o título de cada capítulo foi a Intro, em tamanhos variados, de acordo com a proporção entre o tamanho da página e texto. A identidade de cada capítulo é minimalista, com apenas a cor correspondente, e no centro o que se propõe a seguir.

**Figura 5 – Exemplo de capítulos do guia**

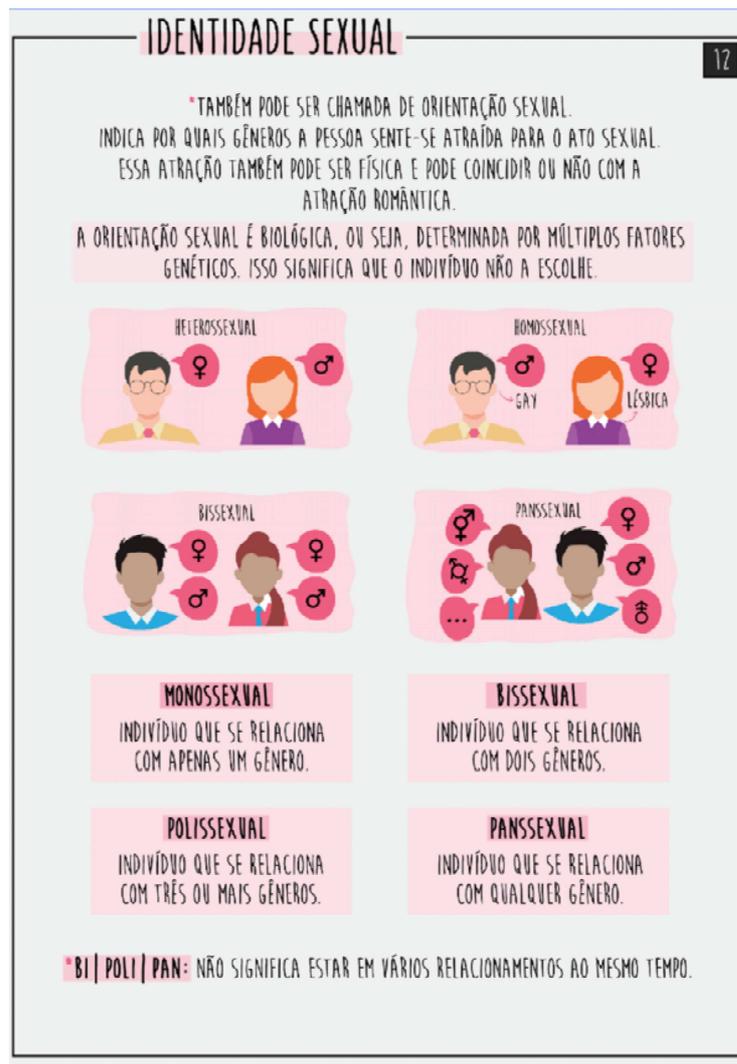


**Fonte:** Intro

## **7.2 Cores**

As cores de um projeto gráfico são fundamentais tão quanto as tipologias do mesmo. No *LGBTQIA+ Um guia ilustrado para jornalistas*, o uso das cores foi algo fundamental para criar uma identidade visual única. Sendo assim, na construção desse guia, foram escolhidas cores mais suaves como tons pastéis, por questão estética, para dar a ideia de que esse tema pode e deve ser compreendido com naturalidade e leveza. Para que cada capítulo tivesse destaque, foi escolhida uma cor única, que seguia em padrão entre os elementos de cada capítulo.

Figura 6 – Padrão de cores entre os capítulos do guia



Fonte: Moon Flower

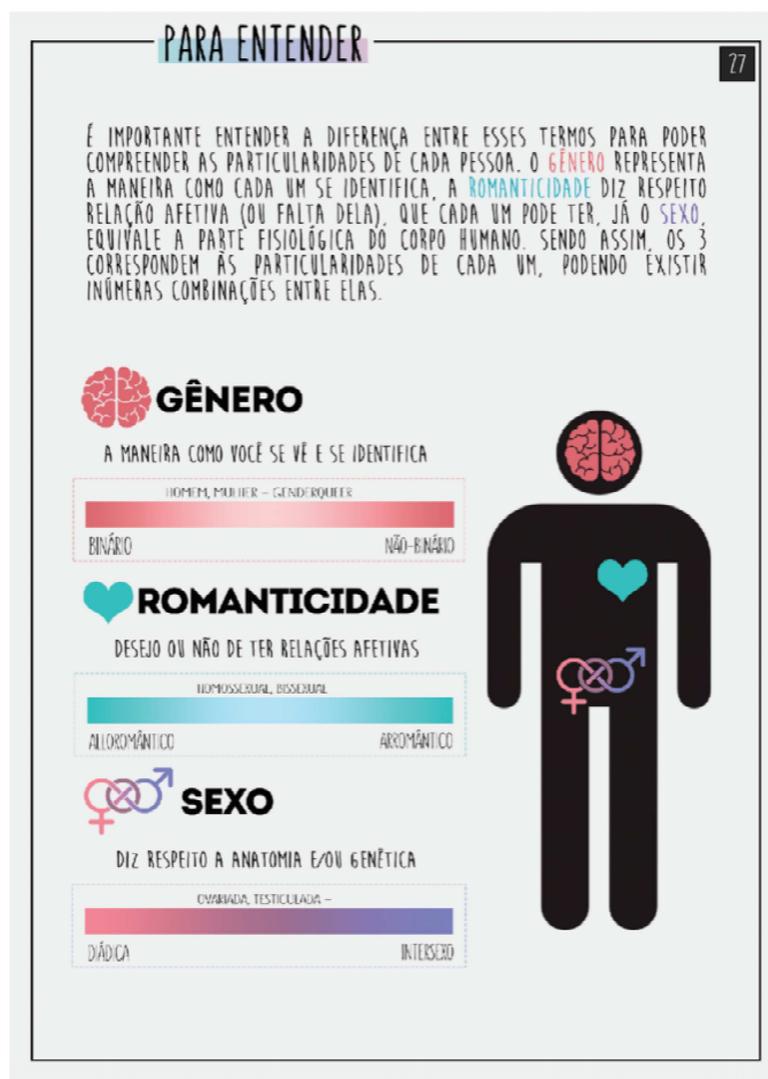
### 7.3 Elementos e layout

Os elementos utilizados no projeto gráfico do guia foram simples para não chamar mais atenção que o texto, pois o foco são as informações que ele traz. Foram utilizados boxes para dividir e organizar cada informação, balões explicativos e desenhos vetoriais.

Os vetores utilizados foram encontrados no site Freepik<sup>22</sup> e modificados no Illustrator, por isso são simples, mas tornam o ambiente de leitura mais favorável, mostrando ao leitor que um assunto que às vezes parece tão complexo na verdade pode não ser, a dificuldade está mais presente na confusão por falta de materiais explicativos.

<sup>22</sup> Freepik é um agregador de vetores, ilustrações, PSD, ícones e fotos, alguns desses itens são disponibilizados gratuitamente. Disponível em < [br.freepik.com](http://br.freepik.com) > Acesso: 27 de ou de 2017

Figura 7 – Layout e corpo do guia



Fontes: Moon Flower e Intro

Para a produção e execução desse projeto foi pensado primeiramente no tema principal e depois nos assuntos relacionados que seriam abordados, foram elaboradas as pautas, nome do guia e, por último, a diagramação do mesmo. O resultado foi um livro digital em formato de guia minimalista, com 49 páginas, contendo ilustrações e textos, em formato A4.

Toda a diagramação do livro foi feita no Photoshop, Illustrator e a produção do PDF no InDesign, durou cerca de três meses para ser finalizada, juntamente com a edição de textos. O guia completo demorou 1 ano para ser finalizado, foi um tempo longo pois foi preciso aprender a usar os *softwares* enquanto realizava o trabalho e montagem.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório teve por finalidade apresentar todos os procedimentos utilizados para elaboração do projeto do guia “LGBTQIA+ Um Guia Ilustrado para Jornalistas” como apresentação para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Universidade Estadual da Paraíba. Com base em leituras de diversos manuais, cartilhas, blogs, livros e artigos foi produzido um material que tenta transmitir informações aos seus leitores.

As cores utilizadas foram as mais sutis, a escolha veio da ideia de que um espaço *clean* e simples torna a leitura mais suave e atrativa. Foram introduzidas algumas ilustrações feitas exclusivamente para esse trabalho, buscando manter o leitor atento com uma leitura de forma contínua e direcionada.

O intuito desse e-book é transmitir, de forma simples e objetiva, a importância de inclusão social e conhecimento sobre pessoas de diversas orientações sexuais, expressões e gêneros. Desta maneira, espero que o objetivo proposto para a elaboração desse e-book tenha sido alcançado e que muitos possam ser atingidos pela disseminação dessa diversidade.

Como pessoa cisgênera, ainda preciso entender muitas coisas além do que estão em livros e pesquisas, questões que estão muito além das minhas vivências. É preciso lembrar que de nada adianta manuais sobre o assunto já disponíveis para o público quando nós, jornalistas, não os buscamos. Pesquisar anteriormente sobre o que vamos falar é fundamental. Lembrar que todo indivíduo merece respeito, mesmo quando não os compreendemos totalmente é muito mais complexo do que escrever uma matéria simples sobre uma pessoa.

E como estudante de jornalismo prestes a concluir o curso, é preciso colocar em prática o exercício de informar com responsabilidade. É necessário que cada vez mais coloquemos esse assunto em pauta de maneira atenciosa, para que possamos fazer materiais inclusivos e que sempre respeitem a todos.

## 9. REFERÊNCIAS

ALVES, Hailey e JESUS, Jacqueline Gomes de. **Feminismo transgênero e movimento das mulheres transexuais**. Disponível em:

< <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2150/pdf>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo, v.I, II**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira (2007). **A Problemática dos E-Books: um contributo para o estado da arte**. Memórias da 6ª Conferência Ibero-americana em Sistemas, Cibernética e Informática (CISCI). Pg.106-111, Vol. 2. Orlando, EUA. Julho.

BOURDIEU, Pierre (1998). **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª edição, 2002.

BUTTLER, Judith. **Sex and Gender in Simone Beauvoir's second sex**. Yale University Press, 1986.

CALERO, M<sup>a</sup> Luisa. (2002). **Del silencio al lenguaje (perspectivas desde la otra orilla)**. En **Femenino y en Masculino**. Madrid: Instituto de la mujer. Pp 7-11.

SILVA, Wallace V. da; CAMPOS, Jorge Lucio de. **Fotografia, design, linguagem: Uma breve digressão**. Agitprop (São Paulo), v. 4, p. 38, 2011.

CATALÃO Jr., Antônio Heriberto. **Jornalismo Best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

DEL PRIORE, Mary. **Esquecidos por Deus – monstros no mundo europeu e ibero-americano: uma história dos monstros do Velho e do Novo Mundo (séculos XVI-XVIII)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GORDON, Bob; GORDON, Maggie. **O essencial do design gráfico**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2012.

HASLANGER, Sally (2003), “Social Construction: e «Debunking» Project”. In: *Socializing Metaphysics*, ed. F. Scmitt. Oxford: Rowman & Littlefield, 301-325.

JOHNSON, Steve. **Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LOURO, Guarcira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARQUES, Tereza. **É o gênero uma construção social?** Disponível em: < <https://philpapers.org/archive/MAROG.pdf>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2017.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. *Sociologias*. 2009, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222009000100008>. Acesso em: 15 jan. 2017.

MONEY, John; EHRHARDT, Anke. *Man and woman, boy and girl*. New York: New American Library, 1974. OLIVEIRA, R. N.; DUQUE, A. P.; WEYL, L. M. **Linguagem inclusiv@: O que é e para que serve?!**. In: SOUZA JUNIOR, J.G; APOSTOLOVA, B. S; FONSECA, L. G. D. (Orgs.), **O direito achado na rua: Introdução crítica ao direito das mulheres**. Brasília: CEAD, FUB, 2012. v. 5. p. 129-132. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/96022643/PromotorasLegais-PreviewPgSimples-versao-final-pdf>. Acesso em: 22 fev. 2017.

RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Manual para uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende**, 2014.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Traduzido por: DABAT, C. R.; ÁVILA, M. B. New York, Columbia University Press, 1989.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

TEIXEIRA, Deglaucy Jorge. **A interatividade e a narrativa no livro digital infantil: proposição de uma matriz de análise**. Dissertação (Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica) – Universidade Federal de Santa Catarina.

WHITE. **Jan V. Edição e Design**. 3. Ed. JSN Editora 2006.